

ALÉM DO ARCO-ÍRIS

de
FLÁVIO MARINHO



IMAGO



Resumo de Alem Do Arco Iris

Permitam-me a praxe editorial que reserva este espaço a uma breve apresentação do livro que aqui se inicia. O próprio autor e personalidades que conhecem bem esta peça me desobrigam da tarefa.

Sobre “Além do Arco-Íris” porém vale lembrar que sua marca não é a leveza recorrente nas cerca de vinte peças de Flávio Marinho. Esta trata de um assunto grave. Aqui se fala de perda e de morte em sua dupla dimensão da vida que não chegou a ser.

Com a habilidade dos que sabem penetrar de mansinho nos sentimentos da alma é delicadamente que Flávio desvela o impacto do luto quando a vida parece em suspenso com seus dias que ora reabrem feridas supostamente cicatrizadas ora prenunciam a paz num descompasso com o mundo dos vivos num eterno vaivém de ondas que rebentam nas frágeis estacas em que a gente se escora.

No círculo mágico em que se expressa Rita nas lembranças de Alex Flávio faz um rodópio verbal que evoca Proust dá-se ao requinte de uma pincelada luminosa de Ver Meer.

Não por acaso o romancista francês e o pintor holandês embora separados por dois séculos reencontram-se nesta peça como a reafirmar que a lembrança e a transparência da luz dão alma aos objetos.

Mas a gravidade de “Alem do Arco-Íris” não desautoriza o humor. Afinal seu autor é Flávio Marinho que o tem como regra de criação como método de sua arte. Ou melhor de sua vida.

Conheci Flávio então um meninote de 18 anos se lançando com desassombro em busca dos mundos. Desde então o sorriso e a graça que distinguem sua obra ganharam em consistência e lucidez quem sabe em certa desilusão.

É um Flávio na força exigente da maturidade que escreve “Além do Arco-Íris”. Ele é desses que foram brindados com o dom de fazer do riso do

pranto de agruras e aventuras de beijos e tapas matéria nova para o teatro renovada toda noite num palco.

Autor crítico diretor roteirista tradutor produtor conhece como poucos o longo et cetera dos saberes da cena. É teatro o ar puro – o puro amor do teatro – que respira.

Que o leitor não se engane: o arco-íris que se abre nestas páginas decompõe os matizes do que Flávio faz com maior talento: entender as imperfeições da natureza humana. Triste?

Não. Comovente.

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)